

Ciência e Técnica

## A grande invenção

Há 150 anos nascia o primeiro selo português. Saiba como funcionavam os correios até essa data e quem inventou os «pedacinhos de papel»

Pode parecer uma pergunta de concurso televisivo, mas é uma boa pergunta: quem está sepultado junto a James Watt, na abadia de Westminster? Será certamente uma personalidade histórica de vulto, para estar em lugar de destaque nesse panteão britânico. E será naturalmente uma personalidade da ciência ou da técnica, para estar ao lado do homem que criou a máquina a vapor, esse passo revolucionário e decisivo para a revolução industrial.

O cidadão inglês que tem a honra de estar sepultado nesse local chama-se Rowland Hill. Dele disse o primeiro-ministro Gladstone: «Destaca-se proeminentemente como um benfeitor da Nação»; acrescentando que «o seu grande plano espalhou-se como um fogo selvagem pelo mundo civilizado». Os elogios não são exagerados. Esse homem passou a vida a lutar contra incompreensões. Só depois de grandes batalhas, que envolveram petições e debates públicos, conseguiu pôr em prática o seu «grande plano» de modernizar o sistema de correios. A sua invenção cabe entre dois dedos e foi um «fogo selvagem». Trata-se, nada mais nada menos, do que do selo postal.

Rowland Hill nasceu em 1795 na pequena cidade de Kidderminster, em Inglaterra, e faleceu em 1879, em Londres. Filho de um professor primário, trabalhou no estabelecimento do pai e deslocou-se depois para Londres, onde conseguiu um lugar modesto nos serviços dos negócios estrangeiros. Nos seus tempos livres dedicou-se a estudar o sistema postal, que o preocupava pela sua inoperância e pela irracionalidade.

Na altura, as cartas eram depositadas nos marcos e postos de correio e pagas ao carteiro pelo destinatário, segundo um complicado esquema de taxas que dependiam do volume do envelope e da distância ao local de destino. Esse complicado sistema era, além do mais, extremamente caro, de forma que os correios eram apenas utilizados pelas pessoas com posses.

Rowland teve uma ideia arrojada para a época: o elevado preço dos portes de correio derivava da sua irracionalidade e do reduzido número de utentes. Modernizando e uniformizando o sistema, seria possível reduzir os custos. Reduzindo-os, aumentar-se-ia a clientela e poder-se-iam manter esses custos baixos. Ou seja, Hill pensou de maneira oposta à filosofia costumeira do serviço público, que encara os utilizadores como custos e não como uma possível fonte de dinamização dos serviços.

Rowland Hill estudou a fundo o funcionamento dos correios e verificou que os custos de entrega de uma carta dependiam essencialmente do seu manuseamento e não da distância. Defendeu então que a entrega dos envelopes deveria ter o mesmo preço em toda a Grã-Bretanha, penalizando apenas as encomendas de peso mais elevado. Os seus inimigos argumentaram que não seria justo pagar por uma carta que viajasse de Londres a Falmouth o mesmo que por uma que se limitasse a atravessar um bairro da capital. Mas Hill mostrou, com números precisos, que os custos para o serviço de correios eram praticamente idênticos. Mais importante ainda, defendeu que a simplicidade seria um factor importantíssimo na redução de custos e que todos lucrariam com a uniformidade do sistema.

As ideias de Rowland Hill foram rejeitadas pelos responsáveis dos correios. Em 1837, ele defendeu-as publicamente num panfleto que viria a tornar-se célebre. As propostas eram revolucionárias. Hill queria tornar os custos dos correios tão baixos que todos os cidadãos pudessem utilizá-los. Propunha uma taxa única para os envelopes circulando dentro da Grã-Bretanha, taxa que apenas variava com o peso da carta. A ideia ficou conhecida como «penny post», pois uma carta normal apenas custaria um «penny». Sugeriu ainda Hill que todas as cartas fossem pagas pelo remetente e não pelo destinatário, o que permitiria que elas fossem entregues em caixas de correio a instalar nas residências e que os destinatários não tivessem de estar em casa para pagar ao carteiro as cartas que lhes eram dirigidas.



Rowland Hill



O primeiro selo, o «Penny Black»



A série comemorativa dos 150 anos

Os inimigos das ideias de Rowland Hill tentaram ridicularizar as suas propostas. As caixas de correio nas residências iriam ser vandalizadas, garantiam. Além disso, o processo seria propenso a fraudes e envolvia um complexo sistema de controlo. A única solução, argumentavam os cépticos, seria ter envelopes carimbados apenas usados nos correios. Mas isso obrigaria as pessoas a levar as cartas para os postos de correio, para só aí as introduzirem nesses envelopes. Era muito pouco prático para os remetentes, que teriam de ir aos postos em vez de utilizar os marcos.

Como muitas vezes acontece na história da ciência e da tecnologia, uma ideia nova tem a oposição dos que vêem dificuldades em tudo. As ideias nascem ainda incipientes e só com a experiência começam a ser removidos os diversos obstáculos à sua aplicação. Há sempre quem não veja os aspectos essenciais da inovação e apenas repare nas dificuldades e nos pormenores.

Rowland Hill pensou nos argumentos dos detractores da sua proposta e teve a ideia mais importante da sua vida. «Talvez a dificuldade possa ser obviada», escreveu, «usando um pedacinho de papel de tamanho apenas suficiente para comportar uma estampilha, e coberto nas costas com uma cola que o utilizador possa, humedecendo-a, colar nas costas da carta.» Dessa forma, o remetente poderia comprar esse «pedacinho de papel» e colá-lo ao seu envelope, que depositaria então no marco de correio. Estava inventado o selo postal.



Os primeiros selos portugueses

A grande invenção de Rowland Hill foi posta em prática em 10 de Janeiro de 1840 por decisão do parlamento a que os responsáveis dos correios se opuseram. O sucesso foi retumbante. Numa década, o tráfego de envelopes multiplicou-se por cinco e as receitas dos correios aumentaram. O processo começou a ser seguido em todo o mundo.

O sistema ganhou adeptos em Portugal. Em 1852, uma comissão portuguesa presidida por Pinto de Magalhães propôs ao governo do duque de Saldanha a adopção do sistema inglês. Em 27 de Outubro do mesmo ano, o correspondente decreto governamental foi assinado pela Rainha D. Maria II. As máquinas necessárias à impressão dos «pedacinhos de papel» foram adquiridas em Londres e resolveu-se que os primeiros selos teriam a esfinge da Rainha portuguesa, tal como os primeiros selos britânicos tinham a imagem da Rainha Vitória. O próprio D. Fernando II, o «rei artista», envolveu-se no desenho da estampilha e sobrevivem hoje algumas notas de seu punho com comentários e sugestões aos esboços de selos. O sistema entrou em vigor a 1 de Julho de 1853, com selos de 5 e 25 réis - ambos com a esfinge da Rainha. Os correios portugueses tinham dado o passo mais importante de toda a sua história.

## TEXTO DE NUNO CRATO

### Para saber mais

A melhor maneira de conhecer a história dos correios será visitar o Museu das Comunicações, na Rua do Instituto Industrial, em Lisboa, entre Santos e o Largo D. Luís. Aí estão expostos os primeiros selos e aí se pode apreciar a evolução dos correios nacionais. Entre as obras à venda na loja do museu conta-se a **História dos Correios em Portugal em Datas e Ilustrada**, de Eurico Cardoso, edição do autor, 1999, e alguns outros trabalhos difíceis de encontrar noutros locais. Sobre a história dos correios ingleses, duas boas referências continuam a ser **From Pillar to Post** de L. Zilliacus, Heinmann, Londres, 1962, e **The Penny Post**, de F. Staff, Lutterworth, Londres, 1965.

A exposição «150 Anos do Primeiro Selo Português» está patente até dia 12 de Julho na Casa da Ribeira em Viseu. De 21 de Julho a 28 de Setembro estará no Museu Municipal de Faro e de 9 de Outubro a 31 de Dezembro no Museu da Alfândega do Porto.

Os CTT comemoram ainda este sesquicentenário com o livro **O Elogio do Selo**, do arquitecto Martins Barata, a sair em Setembro, e com uma emissão que reproduz com um enquadramento moderno os primeiros selos portugueses.